

«Subitamente a lanterna apagou-se. Serafim berrou uma praga. Os dois pararam, mas não viam nada em redor. Só a neve continuava a bater-lhes nos rostos e nas mãos. (...)

– Pega lá os fósforos...

– Não. Acenda você...

– Acende tu... (...)

Os dedos de Serafim tiraram, com dificuldade, o fósforo da caixa. Duas, três vezes, riscou a lixa. A chamazita surgiu, mas extinguiu-se antes mesmo de se aproximar da lanterna. O coração de Horácio começara a pulsar mais fortemente. Nos seus ouvidos andava uma zoeira enorme, que já não parecia do vento, mas sim criada no seu próprio cérebro. Serafim tardou a retirar da caixa o seu último fósforo. Silenciosos, os dois homens pareciam aguardar algo imprevisto, uma súbita inspiração, um socorro impossível. Serafim meteu, outra vez, o fósforo na caixa.

– Acende tu... – balbuciou.

– Para quê? – A voz de Horácio saiu-lhe rouca, pastosa.

Serafim juntou as mãos, ergueu os olhos para o céu revoltado e pôs-se a murmurar uma reza. Depois, tornou a pegar no fósforo.

Horácio abriu, de novo, o sobretudo, encostando as suas extremidades ao rochedo, para dar melhor resguardo.

Serafim riscou. O fósforo luziu mesmo à portita da lanterna. E, trémulo, com a chama ora a distender-se, ora a minguar, ainda avançou alguns centímetros. Os olhos de Horácio não o largavam. Aquilo não durou um segundo e parecia que durava toda uma vida. A lanterna tornou a ficar no escuro. Só na lixa da caixita que encerrara os fósforos brilhou, alguns momentos, uma vaga claridade, um risco vagamente luminoso, que, em breve, também se desvaneceu.»

JOSÉ MARIA SILVA ROSA | RICARDO ANTÓNIO ALVES

(Orgs.)



A LÃ E A NEVE

DE FERREIRA DE CASTRO

RELEITURAS
TRAVESSIAS
METAMORFOSES

COVILHÃ | 2017

Nigredo, Albedo, Rubedo.
Matizes e metamorfoses cromáticas em *A Lã e a Neve*

José Maria Silva Rosa
Universidade da Beira Interior

I – *Nigredo*, Obra ao Negro

A leitura e as releituras que fiz da obra *A Lã e a Neve*, de que vos vou dar conta aqui, poderão ser consideradas singelas. Mas confesso que me deram muito prazer. Sou *apenas* um leitor de Ferreira de Castro (desta e de outras das suas obras) e não um especialista no seu *opus*. Aliás, confesso que cada vez me considero menos *especialista* em coisa nenhuma. E defendo até que nunca nos deveríamos tornar *peritos* naquelas coisas que amamos e de que gostamos muito. E eu desde que me conheço que gosto de Literatura. Ademais, como afirmava há dias (no dia 4 de Julho de 2016) Georges Steiner, no seu 88º aniversário, «existe na universidade uma vaidade descomunal» que a torna cega para a beleza das Humanidades, sendo assim ela própria, Universidade, muito culpada pelo desprezo a que as *belles lettres* têm vindo a ser votadas no nosso tempo. Muito embora *não caiba ao sapateiro tocar rabecão*, tenho de concordar com o autor de *After Babel*. Falamos muito sobre as obras, fazemos imensos congressos, colóquios, análises críticas muito eruditas, mas onde está a *nossa* própria criação? Onde e em quês tais obras transformaram *realmente* a nossa vida ou nos tornaram melhores? Conclui, pois, G. Steiner fazendo também o seu *mea culpa*: «o maior dos críticos é minúsculo diante de um criador»¹. É por isso que não me interessa muito, e nem seria competente para tal, discutir se há em Ferreira de Castro

¹ George Steiner, “Estamos matando los sueños de nuestros niños”, Entrevista a Borja Hermoso, in *El País*, 4 Jul 2016, (cons. 15 de Outubro de 2016; https://cultura.elpais.com/cultura/2016/06/29/babelia/1467214901_163889.html)

«uma valorização do *tema* em detrimento do *estilo*», um problema entre «forma e conteúdo»²; se o «fio condutor ideológico se sobrepõe ao aspecto literário»³, ou se, como anota criticamente Óscar Lopes, apesar dos rasgados elogios, e de dizer que este é «o seu livro mais equilibrado», conclui que *A Lã e a Neve* «é um livro com certas fraquezas»⁴ para poder ser considerado neo-realista (Ferreira de Castro até teria lamentado, humildemente, em razão dessas «fraquezas», não ter tido mestres que o ajudassem⁵). Também não interessa ao meu propósito o juízo avalizado de Urbano Tavares Rodrigues de que «falta aos romances de Ferreira de Castro (...) subtileza e elegância estilísticas»⁶, e que alguns acrescentem, pejorativamente, que é «um escrito popular» ou «populista»⁷; outros ainda o qualifiquem de *romance sociológico* como se com isso o diminuíssem e o quisessem datar ou fixar num tempo (v.g., Fidelino Figueiredo, ao afirmar que é «arrazoado demonstrativo das humilhações» daquela época). E poderíamos continuar como outros juízos francamente negativos, como o de Franco Nogueira (estilo «pobre, monótono, incolor, impessoal»⁸) ou o do crítico João Gaspar Simões sobre a «efêmera *internacionalidade*»⁹ de Ferreira de Castro.

Mas, enfim, deixemos as justificativas académicas e os juízos de outros, e vamos ao nosso tema. Confesso que da primeira vez que li *A Lã e a Neve*, há pouco mais de 15 anos atrás, quando decidi vir morar para a cidade da Covilhã, a imagem que mais longamente persistiu em mim foi a da *brancura* das casas que o sonho de Horácio perseguia (ou talvez devêssemos dizer: a *brancura* que perseguia Horácio), primeiro na linha de Cascais e, depois, mais intensamente nos Penedos Altos. Decidi assim, nesta circunstância, começar a reler a

² Ricardo António Alves, «A Unidade fragmentada. Dispersos de Ferreira de Castro», In: *Vária Escrita* [Cadernos de Estudos Arquivísticos, Históricos e Documentais; Sintra], nº3 (1996), p. 142, refere esta opinião de muitos sobre o autor.

³ Bernard Emery, «Ferreira de Castro, Além-fronteiras», In: *Vária Escrita*, p. 51.

⁴ Cf. Bernard Emery, «Ferreira de Castro...», In: *Vária Escrita*, p. 68; Óscar Lopes, «A contemporaneidade histórico-literária portuguesa», In: *Vária Escrita*, pp. 101.104.

⁵ Óscar Lopes, «A contemporaneidade...», p. 106.

⁶ Urbano Tavares Rodrigues, «A obra de Ferreira de Castro e o neo-realismo literário em Portugal», In: *Vária Escrita*, p. 89.

⁷ Bernard Emery, «Ferreira de Castro...», p. 33.56.

⁸ *Apud* Bernard Emery, «Ferreira de Castro...», p. 78.

⁹ Cf. Bernard Emery, «Ferreira de Castro...», p. 34.

obra pelo mesmo viés, tentando dar conta dos matizes que a *brancura* assume no texto, do modo como ela se encontra na transição da cor *negra* para o *vermelho*, e do profundo significado que tal evolução cromática tem na obra inteira, e mesmo para lá dela, isto é, para o mundo de referência que ela visa descrever e, ao mesmo tempo, prescrever. E creio que, mediante a cor branca, fui levado ao coração de *A Lã e a Neve* e da intenção ou *mensagem essencial* que o autor pretendeu passar ao escrevê-la.

Expliquemos minimamente, para começar, os termos *nigredo*, *albedo*, *rubedo*, e por que razão os convoco. Começamos pelo meio. À primeira vista nada há para explicar: *albedo* é apenas *brancura* em latim. Porém, a *albedo* enquanto *obra ao branco*, juntamente com a *nigredo*, que vem antes (e que quer dizer *negrura* ou *obra ao negro* – lembremos a obra homónima de Marguerite Yourcenar¹⁰), e com a *rubedo*, a *obra ao rubro*, ou ao *vermelho*, que vem depois, representam segundo a narrativa alquímica as fases do longo processo de transformação do homem e de reconversão da sua consciência (de construção da obra, *opus*). Com efeito, as ditas *três obras* em conjunto (ao negro, ao branco e ao rubro) são a expressão esotérica do anseio de todos os antigos ‘prospectores’ de ouro filosofal¹¹, mas não só, pois é também o sonho grandioso de José Nogueira, o Marreta, e que era, nada mais, nada menos, que transformar a humanidade do homem (de Horácio e dos outros operários) levando-a, por etapas, da escravidão à liberdade (em linguagem cifrada transformar o negro *chumbo* em *ouro* reluzente). Aliás, tenhamos presentes as três etapas ou as três partes em que se organiza a própria obra como um todo: a Primeira Parte leva como título «*Os Rebanhos*» que, de algum modo, podemos associar à ignorância infantil, e à inocência da vida original ao acordar. Já desde as profundezas da Bíblia (onde talvez ecoa ainda a antiga oposição entre os regimes de vida do homem nómada e recolector do Paleolítico frente a sedentarização agrária do neolítico) sempre foi idealizada como vida pura de «Abel» face a «Caim», pastorícia mil vezes depois apropriada pela religião, literatura, poesia, de modo a indiciar uma espécie de vida ainda não maculada pelo pecado. Encontramos isto ainda na voz do

¹⁰ *Obra ao Negro*, Dom Quixote, Lisboa, 2002

¹¹ Conforme uma interpretação do adágio latino: «Visita Interiorem Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem» (VITRIOL).

Padre Barradas, elogiando a vida dos pastorinhos (alusão a Fátima?), no alto da Serra, visando com isso demover Horácio da sua intenção de mudar de vida: «– Olha lá –olveu Barradas, como se houvesse tido um súbito pensamento. – Por que queres tu deixar a vida de Pastor? Uma vida tão bonita, que até os santos gostavam dela e os poetas antigos a cantavam! – A voz do padre tornara-se mais doce, evocativa, como se ele próprio sonhasse: – O céu por cima, o ar livre, o nascer do Sol visto lá do alto... À noite as estrelas... Não tens visto figuras de pastorinhos, com as suas flautas, nos altares e nos presépios? Não há dúvida que os poetas antigos tinham razão!»¹² O que o padre Barradas oculta, ou desconhece, é o preço que se tem de pagar por essa inocência: as vidas negras como furdas, alienadas e exploradas por todos os “senhores Martins”, “senhores Fragosos”, “senhores Cabrais” e “Valadares” deste mundo.

A Segunda Parte tem como título «*A Lã e a Neve*». É nela que se opera a mudança, a transformação essencial do pastor em operário. Se a antiga lição dizia que «se aprende pelo sofrimento», tal é bem evidente na *catábese* da Serra para a Fábrica, na Covilhã. Tal metamorfose é superiormente dramatizada e simbolizada pela travessia da Serra, de Manteigas para a Covilhã, durante uma noite escura como breu (*nigredo*), no meio de uma tempestade de neve (*albedo*), durante a qual Horácio não consegue manter a lanterna acesa (*rubedo*, consciência desperta; bem diferente do *fogo* com que a pandilha do Valadares incendeia a Serra...) e onde, por isso, quase ia perdendo a vida. A travessia da serra é a síntese e a antecipação da metamorfose quase-falhada do protagonista.

A Terceira Parte tem como título «*A Casa*». No âmbito das simbólicas da Literatura, da Teologia, da Filosofia, etc.¹³, a casa representa o lugar a que o espírito regressa consciente de si mesmo, no «fim do dia», depois da «viagem» e da «experiência», isto é, depois da transformação operada na labuta da Vida diurna. Ulisses que regressa de Troia para Ítaca, no meio de mil adversidades, é

¹² *A Lã e a Neve*, Guimarães Editores, Lisboa, 1990, p. 38 [referiremos sempre esta edição]. Mas o seu amigo Manuel Peixoto (cf. pp. 46 e ss) também lhe dirá que prefere a vida de pastor à de operário.

¹³ Desde Homero a Hegel, passando por Platão, Virgílio, Agostinho, Camões, Jung, Proust, etc.; cf. Gaston Bachelard, *La Poétique de l'Espace*, Presses Universitaires de France, Paris, 1957.

a sua figura perene. Neste sentido, o facto de o tão desejado lar não ter sido alcançado por Horácio aponta, no plano simbólico alquímico mais fundo, para uma transformação incompleta, uma falha na iniciação, ou para uma consciência que, algures (numa qualquer *ilha de Calipso* alegórica), ficou presa da sua particularidade e resistiu a prosseguir.

A *nigredo* (escuridão, negrura, ...), portanto, exprime simbolicamente a condição informe do caos e da *massa confusa* e desordenada, à espera da luz e da ordem: basta lembrar o interior escuro da maior parte das casas de Manteigas cheias de fumaceira e fuligem, comparadas a chiqueiros¹⁴ (a lembrar uma *massa damnata*), e contrastá-las com a casa do anafado padre Barradas, feita de granito e *cal*, com a fachada lavada e iluminada, à noite, por um candeeiro de iluminação pública...; e ver o olhar guloso com que um Horácio, de pé e chapéu na mão, observa as prateleiras *brancas*, com os tachos e panelas brunidos: tudo em ordem, tudo limpo, tudo luzidio: «Assim é que ele gostaria de ter...»¹⁵ Tal dimensão obscura, inconsciente, animal e bruta da existência mostra à saciedade (pelo menos a um Horácio regressado da tropa, onde descobrira o seu desejo de brancura, ao contemplar as casas da Linha de Cascais), a necessidade de mudar de vida e deixar de vez o Valadares. No plano antropológico, diremos: a precisão de passar por uma *morte espiritual*, mudar de pele ou de natureza através da *putrefactio* ou descida aos infernos¹⁶, etc., para assim poder voltar à vida já noutra condição. A *albedo* é, pois, em *A Lã e a Neve*, constituída pelo trânsito e a difícil *purificatio* de passagem da *nigredo* à *rubedo* (podendo também comparar-se na passagem da *noite* para o *romper-de-alva* até ao *meio-dia*, imagens que pontuam toda a primeira parte). Tais são, assim, os nomes simbólicos e rituais da metamorfose, do alargamento e unificação da consciência humana. Esta operação, em diversos contextos culturais, é figurada mediante uma operação animal: por exemplo, *mudança de pele* da serpente entre os ofitas; o *canto do bode* na tragédia grega, *imolação do cordeiro* entre os hebreus, etc., pelo que, no contexto da nossa obra, pode muito bem ser ilustrada pela “limpeza ritual” que representa a tosquia das

¹⁴ *A Lã e a Neve*, pp. 19.27.28.191...

¹⁵ *A Lã e a Neve*, pp. 34.38.

¹⁶ Fidelino de Figueiredo, *apud* Bernard Emery, «Ferreira de Castro...», p. 68, fala de «atmosfera sombria» como se *A Lã e a Neve* fora um ‘romance negro’.

ovelhas que, anualmente, largam a sua pele, ou ainda, depois, pela mudança de pasto que transumância significa.

Só que a cada tosquia repetida das ovelhas, a cada cordeiro parido pelas ovelhas que aumenta o rebanho do Valadares, a cada noite que se soma a outra no alto da Serra, um Horácio regressado à casa paterna não se sente renascer. Bem pelo contrário! Sente-se impaciente, irritado, perdido, parado no tempo e cada vez mais amarrado, até pelas dívidas que os pais contraíram antecipadamente e que esperavam pagar com o seu futuro trabalho de pastor: «Está tudo na mesma!»¹⁷ É um grito de raiva. Ele bem que gostaria de fazer, em si mesmo, o que o seu amigo Manuel Peixoto faz aos chavelhos dos seus cordeiros e cabritos com batatas quentes: «amolecer e virar os cornos à vida»¹⁸. E é – tinha de ser – justamente no meio da atribulada viagem de mudança dos pastos de verão para os de inverno, nas canadas para Idanha, que lhe chega a notícia pelo Chico da Levada. É preciso mudar! «Se o grão de trigo não morrer...» (Jo 12, 24). *Stirb und werde*; um certo Horácio terá de morrer; também ele será “levado à tosquia” pelo Marreta. Se sairá *outro* desse processo, isso é o que se verá.

II – *Albedo*, *Obra ao Branco*

Ainda antes propriamente da grande iniciação constituída pelo capítulo central de *A Lã e a Neve* e que, como já referimos, é exemplarmente narrada e figurada na travessia nocturna da Serra sob um imenso nevão, devemos dizer que a primeira iniciação de Horácio é-nos noticiada pelo cão Piloto, logo na primeira página, quando subitamente fareja no ar o cheiro do seu dono que regressa da tropa, onde estivera, num quartel junto ao mar, ali para os lados do Estoril. Foi no serviço militar que Horácio (como tantos outros coevos “Horácios” por esse Portugal fora) começou a tomar consciência de si, de quem era, do que seria voltar viver em Manteigas, e a sonhar com a possibilidade de construir e viver uma vida diferente da dos seus pais. Quem não sai, nunca regressa. Mas quem regressa, nunca regressa do mesmo modo nem ao mesmo lugar. Entre outras coisas

¹⁷ *A Lã e a Neve*, pp. 29.101.

¹⁸ Cf. *A Lã e a Neve*, pp. 46-50.

que conhecemos parcialmente pelos relatos parciais que Horácio faz a Idalina, é na tropa, de modo especial nos passeios que dá quando está de folga e pode ver as criadas, as crianças, e o modo como os senhores do Estoril aqui vivem, que vemos emergir pela primeira o desejo de ter uma *casinha branca* parecida com a deles, limpinha, com quintal e um jardim de roseiras, como aquela que espreitara um dia, na Parede, tendo sido logo enxotado pelo dono que pensava que ele andava a requestrar a criada...¹⁹

Projectemos assim contra tal pano de fundo (*negro* como a casa da Tia Luciana, em Manteigas...), embora de forma rápida e impressionista, como evoluem as referências à brancura ao longo da obra. Podemos dizer, desde já, que o próprio título representa desde logo dois matizes de brancura. A neve é toda brancura limpa e cristalina. Já a lã, se também pode ser branca como a neve nos cordeirinhos acabados de nascer, vai-se depois sujando nos tojos e nas giestas, fica vermelha com sangue das paridas, ou fica surrada com o uso continuado nos guarda-matos. Quando, a muito custo, volta para o rebanho do Valadares e veste de novo os safões que fizera com a pele de uma ovelha que morrera de parto, pensa nesse momento consigo mesmo «ao amarrá-la [a pele de ovelha] às pernas, lhe parece, confusamente, que se amarra a ele próprio, não à lã ensujalhada e ainda com manchas de sangue que mudou de cor, mas (...) a algo que o escraviza.»²⁰ Mais à frente²¹, compara e contrasta o escuro medonho de uma tempestade na Serra, com a cidade de Manteigas que avista da Nave de Santo António, logo que a tormenta passou; e ao longe, no fundo do vale glaciário, o casario aparenta não ser mais que «pinceladas de branco» na paisagem²². Ao contrário, aquando da referida travessia da Serra, vai pensando, cada vez mais infeliz, na casita dos seus sonhos. Esta, porém, aparece-lhe «agora, distante, cada vez mais distante do que essas que ele tinha visto à beira do Tejo, na linha de Cascais (...); cada vez mais distante e mais pequena e a apagar-se como se fosse uma casa de bonecas pintada num muro, que alguém cobrisse com uma pincelada de tinta negra.»²³

¹⁹ Cf. *A Lã e a Neve*, pp. 18-20.

²⁰ *A Lã e a Neve*, p. 58.

²¹ *A Lã e a Neve*, p. 68.

²² *A Lã e a Neve*, p. 75.

²³ *A Lã e a Neve*, p. 202.

É recorrente ao longo de toda a obra tal contraste entre o *branco* como expressão de felicidade, limpeza, alegria, filhos saudáveis, etc., e o *negro*, expressão de infelicidade, imundície, tristeza, ansiedade, conflitos (v.g., na figura de Antero²⁴), etc.. Na página 80, é a pureza do leite quente e branco a subir, a subir na ferrada, apesar de as suas mãos já terem perdido o antigo jeito para ordenhar, que é agudamente contrastada com a poalha escura da noite fria e muda que desce, invadindo tudo, enregelando-o, sufocando-o, arrepanhando-o... De facto, há branco e branco: há o branco «airoso e limpo» e o «branco espesso e frio», o branco álgido e mortífero do gelo e da bruma²⁵. Mais adiante é a luz do Sol matinal, «vinda do alto, a branquejar, num transparente fluxo o eterno negror dos Cântaros e de quantos brutos penhascais cortavam o passo aos olhos.»²⁶ E podemos continuar a enumerar este persistente contraste cromático entre a brancura e a negrura (que não chega nunca ao maniqueísmo por causa destes muitos matizes intermédios entre uma e outra) como, por exemplo, quando, na viagem para Idanha, aprecia o «mosaico de trezentas ovelhas brancas e negras»²⁷, ou no momento em que, ao nascer de alva, verifica que «está tudo branco, tudo coberto de geada»²⁸ e, ainda, logo no primeiro dia de trabalho na fábrica, quando um operário de cabelos brancos (o Marreta)²⁹ intercede por ele contra as investidas sombrias do Tramagal que o culpa do despedimento do velho Paredes, etc..

E o paralelo contrastante entre *nigredo* e *albedo* prossegue na mesma toada com a apreciação dos casebres lúgubres e cavernosos da Vila do Carvalho, justamente onde todos moram: «As casas eram de uma tristeza infinita, mais negras e enervantes do que o próprio Inverno.»³⁰ E tudo isto face à alvura imaculada da neve³¹ que inunda os caminhos para as fúnebres fábricas³² da Covilhã, brancura contra a qual se recortavam os «vultos escuros dos operários» apressados, de manhã e à noite, como se fossem baratas negras fugidias (do

²⁴ *A Lã e a Neve*, pp. 138-139.

²⁵ Cf. *A Lã e a Neve*, pp. 30.64.

²⁶ Cf. *A Lã e a Neve*, p. 86.

²⁷ *A Lã e a Neve*, p. 105.

²⁸ *A Lã e a Neve*, p. 111.

²⁹ *A Lã e a Neve*, p. 126.

³⁰ *A Lã e a Neve*, p. 135.

³¹ *A Lã e a Neve*, p. 150.

³² *A Lã e a Neve*, p. 128.

mesmo modo que em *A Mãe* de Máximo Gorki), encolhidos dentro de velhas roupas, ao contrário dos alegres e bem-vestidos turistas, de cores garridas, que, de carro, sobem para o alto, o ski e o branco da neve, fascinando um Pedro que, lá em baixo, remói, remói num lúgubre recanto da fábrica, a qual mais parece uma sanguessuga negra alapada na margem pedregosa da Carpinteira...

Embora, como se disse, a alvura vá assumindo diferentes matizes, a oposição tanto real como simbólica do branco com o preto, a mortalha, o negro do luto, etc., nunca dá tréguas, como no sonho de Horácio³³, onde o ciclo dos trabalhos da lã (desde as ovelhas da Serra até às fábricas escuras da Goldra e Carpinteira) enreda o sono de Horácio e o enovela e o enrola e o enrosca ao cardador do Teixoso encontrado morto na estrada, enrodilhando toda a sua noite e as suas trevas. «Agora a lã aparecia-lhe com um outro aspecto»:³⁴ já não branca, mas manchada, emporcalhada, preta, negra... Esgotado com o seu pesadelo nocturno, Horácio acabou por acender a vela e começar a ler *a outra luz* os livros que o Marreta lhe emprestava³⁵. A mais importante iniciação iria começar agora. Mas será que, finalmente, Horácio, o pastor-virado-operário, estaria preparado para ela?

III – *Rubedo*, *Obra ao Rubro*

Até aqui, podemos dizer que todo o percurso vital de Horácio (de Manteigas para a tropa, desta de novo para contrariado-pastor-da-Serra, e daqui para a fábrica na Covilhã), decorre todo sob o signo do desejo e da necessidade: desejo sexual de Idalina, desejo de independência dos pais, desejo de ter muitos filhos e levar uma vida melhor, mais desafogada e limpa...; e da necessidade de conseguir o trabalho e o dinheiro necessários para arranjar a *casinha branca* dos seus sonhos. Mas para isso, tudo o que fizera até aqui, compreensivelmente, fora meter empenhos ao padre, ao padrinho, ao Manuel Peixoto, aos amigos, a Nossa Senhora da Conceição...

³³ *A Lã e a Neve*, p. 160.

³⁴ *A Lã e a Neve*, p. 161.

³⁵ *A Lã e a Neve*, p. 144. Horácio deixara apagar a lanterna na Serra..., mas, finalmente, a luz brilha nas trevas! Já quase no fim da obra, quando chega à casa velha da Azedo Gneco, a primeira coisa que Horácio faz é «riscar os fósforos» porque em casa não há electricidade (cf. *A Lã e a Neve*, pp. 270.275), pormenor altamente simbólicos na economia da narrativa.

E é precisamente neste ponto que a iniciação cega e muda da «puta da vida» (nas palavras do Tramagal³⁶) começa a ser substituída por um verdadeiro iniciador: o velho mestre tecelão, José Nogueira, o Marreta. Socorremo-nos a este propósito das palavras de Óscar Lopes: «Onde há uma personalidade tão completa como a do velho anarquista Marreta de *A Lã e a Neve*, que estudou esperanto, é vegetariano, não fuma, e que sabe perfeitamente já não ter a presteza de início, e está a pensar na sua substituição por Horácio, — esse seu futuro, previsto e querido sucessor que o vai condenar a uma morte lenta, fruto do seu salário baixíssimo? E os múltiplos acidentes de querer acender a lanterna, na longa caminhada de todo uma noite tempestuosa, em *A Lã e a Neve*?»³⁷ O Marreta é um operário em tudo muito diferente dos outros³⁸, sóbrio, leitor compulsivo, nada ambicioso pois emprestava dinheiro e não o reclamava, correspondia-se com *esperantistas* de todo o mundo³⁹. Por ele passa uma «esperança ontológica»⁴⁰, um ideal universalista e humanista que o pastor da Serra talvez inconscientemente desejara, mas em que jamais pensara como possível: um mundo feito de justiça, paz, liberdade e igualdade de oportunidades, de defesa dos pobres e dos oprimidos⁴¹. Por este ideal, pelas leituras clandestinas e os livros proibidos que emprestava, o velho tecelão várias vezes fora preso. Marreta até pode ser visto, no romance, como *alter-ego* e porta-voz de algumas atitudes do autor, que, em 1925, se sindicalizara e começara ele próprio a auxiliar do seu bolso camaradas desvalidos, partir de 1935⁴². Consigna A. Bessa-Luís num texto luminoso que, em Ferreira de Castro, há «de um lado o homem rigoroso, moral, um pouco ácido com as pessoas que fazem da cultura um adereço banal, [e do outro] o peregrino do mundo que leva consigo uma espécie de esperança errante...»⁴³.

Horácio ouve o Marreta boquiaberto, escuta-lhe a confissão de esperança – a «única esperança!» – e declara simplesmente não compreender nem acreditar. Responde-lhe José Nogueira: «Não me

³⁶ *A Lã e a Neve*, p. 131.

³⁷ Óscar Lopes, «A contemporaneidade...», p.108.

³⁸ *A Lã e a Neve*, p. 141.

³⁹ *A Lã e a Neve*, p. 143.

⁴⁰ Bernard Emery, «Ferreira de Castro...», p. 77; cf. *A Lã e a Neve*, p. 145.

⁴¹ *A Lã e a Neve*, pp. 142.145.

⁴² Óscar Lopes, «A contemporaneidade...», p. 107.

⁴³ Agustina Bessa-Luís, «Ferreira de Castro», In: *Vária Escrita*, p. 125.

admira nada. (...) Não me admira mesmo nada! Não nasceste em casa de operários e só agora começaste a trabalhar nas fábricas. Eras pastor e isso é muito diferente. Os pastores parece que vivem no fim do mundo.»⁴⁴ Horácio, afinal, apesar da tropa, apesar dos falsos empenhos do Padre e do Padrinho, apesar da exploração do Valadares e dos vexames a que fora sujeito pelos pais de Idalina, oferecendo a sua prometida a um moço mais rico de Gouveia, apesar de tudo isso, não revela ainda qualquer consciência de classe⁴⁵, consciência emancipadora que se eleve acima do seu interesse particular, do seu torrão natal, acima das raças, credos e nações. Horácio sente muitas coisas díspares dentro si⁴⁶, aspira à luz, mas ainda não *consegue acender a sua lanterna*, não sabe *quem é*, não compreende o alcance do seu trabalho nem é capaz de elevar a outro nível de interpretação o que lhe acontece. Assim, o que até aí era intuição bruta da natureza acossada requer agora acção em consciência e em liberdade, individual e colectivamente. E é para esse voo, para a *rubedo* de um meio-dia que não deixa ninguém na sombra que o Marreta *internacionalista* o convoca. Mas Horácio resiste ao apelo que, através do velho tecelão, vem de mais longe: «Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!»

Em nosso entender, dois momentos fundamentais dessa inconsciência, são, em primeiro lugar, aquando da visita do patrão, Azevedo de Sousa, à fábrica, Horácio «se pôs mesmo em frente (...), ansioso de que este o fixasse», dizendo: «*Boa tarde a vossa excelência. Como está vossa excelência?*», e, já no fim, se desfez e curvou várias vezes em cumprimentos servis, lambendo caninamente as botas do dono, ao contrário de Pedro e do Boca Negra que mantêm uma atitude fria. E reparou, espantado, que o Tramagal «o contemplava com dureza e desprezo. De começo, ele não compreendeu bem a razão daquilo...»⁴⁷ Marreta explica-lhe depois porquê, mas Horácio hesita, não vai ao fundo da questão. Como bem observa Ricardo A. Alves, Ferreira de Castro é exímio em «perscrutar as contradições inerentes ao homem»⁴⁸ e, por isso, o autor de *Mensagem* confessa que «tem pena dos homens porque levam com eles uma infelicidade biológica

⁴⁴ Cf. *A Lã e a Neve*, p. 145.

⁴⁵ *A Lã e a Neve*, pp. 142.179.

⁴⁶ Cf. *A Lã e a Neve*, pp. 179 e ss.

⁴⁷ *A Lã e a Neve*, pp. 172-173.

⁴⁸ Ricardo A. Alves, «A Unidade fragmentada, p. 138.

que só em raras e efêmeras hora conseguem vencer.»⁴⁹ E num outro texto acrescenta: como «a minha profissão é compreender, coloco-me no lugar da pessoa que devia desiludir-me. Evoco a sua mentalidade, o seu temperamento (...), as limitações ou as deformações que o meio social ou a sua própria psicologia lhe criam.»⁵⁰ Pode dizer-se que esta posição teórica do autor se aplica inteiramente ao personagem Horácio por ele criado.

O segundo momento, e que é em meu entender a chave de toda a obra⁵¹, é quando Horácio pede um novo empenho ao Marreta por causa da casita branca dos Penedos Altos. A *albedo* obcecava-o, cegava-o, fechava-o compreensivelmente no mundo do seu próprio desejo e não o deixava avançar para a *rubedo*. E o mestre Marreta pergunta-lhe então sorrindo, sem o ferir, como se fosse seu Pai, querendo fazer-lhe ver que o essencial não pode ser resolvido com cunhas pontuais seja de quem for.

«– Então tu querias uma casita? – E sem aguardar a resposta inútil [de Horácio], acrescentou, sorrindo: – Supõe que estás a cavar uma horta e encontras uma panela com libras. Vendes as libras e mandas fazer uma casa. Ficas satisfeito, mas os outros continuam na mesma. Horácio olhou-o, surpreendido.»⁵² Nem nesse momento, nem a seguir, chegou a compreender inteiramente o que o Marreta lhe queria transmitir. O velho tecelão, que o ensinara a tecer, quer revelar-lhe outros *panos*, *tecidos* que agora devem ser produzidos, quer trazer mais desejo ao seu desejo, amplificar as questões que Horácio leva consigo e alçá-lo à dignidade humana para que o seu sonho branco aponta; mas o neófito continua em parte como uma fraga que, subitamente, se desprende do alto e rola até ao vale. A utopia do velho “franciscano” convocava-o já não para os atavismos do desejo e da necessidade natural da Serra, da Fábrica ou da casa (isto é, para lá da *nigredo* e da *albedo*), mas para a Liberdade em acção, para a *rubedo* da revolução da consciência, da transformação do mundo e da redenção do homem pelo homem (na linguagem esotérica dir-se-ia que

⁴⁹ Ferreira de Castro, «Mensagem» [1949], In: *Vária Escrita*, p. 191.

⁵⁰ *Apud* Ricardo A. Alves, «A Unidade fragmentada», p. 139.

⁵¹ *Do ponto de vista ideológico* e filosófico: cf. Bernard Emery, «Ferreira de Castro», p. 44.

⁵² *A Lã e a Neve*, p. 183.

a alquimia *externa* depende sempre da alquimia *interna*; a verdadeira *obra* começa pelo interior).

E nem sequer a frustração de, apesar de todo os empenhos terrenos e celestes, não lhe ter calhado em sorte uma das casas dos Penedos Altos o despertou ativamente para o facto de que ter ou não ter uma casa não pode ser uma questão de destino, de sorte ou de empenhos⁵³, mas uma questão de dignidade inerente a todos os seres humanos. Em vez de avançar para a *rubedo*, para a unificação dos contrários, ou seja, de tornar seu o *fulgor rubro* com que via abrasarem-se os olhos de um Marreta cheio de cabelos brancos, mas pleno de esperança (ao invés de um Manuel da Bouça), Horácio regride, resignadamente, para o degredo de um nova *nigredo*: um casebre alugado, uma habitação suja, fendida, escalavrada, sem latrina, a cair de velhice (onde só a nova cantareira branqueja), na «estreita, tortuosa, negra, velha, podre» rua Azedo Gneco⁵⁴; para os piolhos e percevejos que infetam os colchões esventrados e postos ao sol. Ferreira de Castro massacra a seu personagem! Depois de tudo, Horácio é um herói-redentor falhado. Não há nele (ainda) a grande transformação pneumática; ficou algures, entre os hílcos e os psíquicos, a meio da adopção e da iniciação do Marreta; a sua consciência cresce, mas muito paulatinamente; parece ter temor de ser livre, de deixar o reino da natureza e da necessidade e passar para o da liberdade... Mas esta requer meios, evidentemente! Só já depois da morte do Marreta, às palavras do Ricardo, que o convida para uma reunião no «próximo sábado à noite», responde: «Lá irei.»⁵⁵ Chega depois a casa, pega no Joanico, acaricia-o, olha-o como os alquimistas fariam ao *elixir da longa vida*, ou tão-só como ao seu último fósforo da Serra... Muito lentamente a esperança nasce, uma luz começa a tremeluzir nele; a lamparina acende-se finalmente; irá começar a *combustão*?

O repto que, através de Horácio, Ferreira de Castro lança aos seus leitores, de há 70 anos e de hoje, muito em especial aos covilhanenses, é o de que é preciso ir além das cunhas e da sua “vidinha particular”, é preciso cada um deixar de cuidar apenas da sua *casita branca* e do *seu quintal*. O grande desafio que a Covilhã tem hoje pela frente,

⁵³ *A Lã e a Neve*, p. 268.

⁵⁴ *A Lã e a Neve*, p. 267.

⁵⁵ *A Lã e a Neve*, p. 358.

juntamente com outras cidades vizinhas, é unirem-se para criarem *consciência regional* (e não só) e, assim, deixarem de guerrear por *quintalinhos*. A utopia do velho Marreta da construção possível (e sem violência) de uma sociedade assente na liberdade, na paz e na justiça tem sofrido inúmeros reveses nestes 43 anos depois da morte de Ferreira de Castro. No dia um de Maio de 1974, no estádio da FNAT, em Alvalade (agora Estádio 1º de Maio), cerca de um mês antes de morrer, Ferreira de Castro gritava: «*Escrever é lutar! Escrever é lutar!*» (segundo testemunho de José Gomes Ferreira). A paz, a justiça e a liberdade não correm tão apressadamente como José Nogueira e Ferreira de Castro queriam. Mas nem por isso são ideais inválidos; ao invés, são elas o sentido da História. Que venha a *obra ao rubro!*